Caderno de Leituras n.154 | 2022

Sobre escrever

LEILA GUERRIERO

Tradução
Gabriela Albuquerque

Nota da editora

O texto em espanhol – “Acerca de escribir” – foi publicado no jornal *El Mercurio*, em 24 de setembro de 2011. Agradecemos a autora pela autorização para publicá-lo.

Não desfruto — diz a menina, entre o sorriso psicótico e o desespero. De escrever: não desfruto. Passo mal, travo, não sei para onde ir.

— E por que você acha que teria que desfrutar? — pergunto-lhe.

— Bom, as pessoas que escrevem falam que se sentem bem.

Há, com a escrita, um equívoco inexplicável: a ideia de que é — ou deveria ser — uma experiência fantástica. Talvez porque as ferramentas para fazê-lo — as palavras — estão mais ou menos ao alcance de todos, escrever parece muito mais fácil que tocar trompete. A frase "Com minha vida eu tinha que escrever um livro" não encontra sua correlação em outras artes: "Com minha vida eu tinha que compor um madrigal". A escrita parece fácil (e, em algum sentido, é: trata-se apenas de escolher palavras e de combiná-las para produzir um efeito inconfundível) e, como parece fácil, supõe-se que é algo de que deveríamos desfrutar (como tomar sorvete ou estirar-nos ao sol). Por isso, quando um jornalista se senta pela primeira vez para escrever um artigo de várias páginas — com um clima, uma voz própria, uma perspectiva: isso que chamamos jornalismo narrativo — e descobre que tem oitenta vezes mais material do que ele pode usar e cinco estruturas possíveis, quando só terá forças para levar adiante uma, ele despenca pelo precipício do desespero e entende que foi enganado até aos ossos. Que todos esses filmes nos quais jornalistas digitam o artigo da capa do domingo na meia hora livre entre um martíni e uma trepada são a mais abjeta mentira. A realidade é muito mais medíocre: a primavera bate suas asas lá fora e, aqui dentro, submerso em dois metros de papéis, o jornalista é levado primeiro à

vertigem, depois ao pânico, ao tédio mais tarde e, daí por diante, ao parque mais próximo onde, batendo no peito, ele perguntará ao sol, ao céu e às nuvens: “Por que, por que, por que eu não desfruto?”.

Sentir-se mal ao escrever não é a regra (muita gente sente um enorme prazer ao fazê-lo e o faz rápido e asquerosamente bem), mas, em todo caso, acontece e não seria demais dedicar algum tempo falando do assunto para desativar toda e qualquer expectativa de que escrever bom jornalismo seja a arte de combinar um Mac Air com um par de horas livres. Em todo caso, sentir-se mal não é a regra, mas sentir-se bem também não: cada um deveria encontrar seu método, o ponto exato de pressão, confinamento, asfixia ou ausência de todas essas coisas para que a produção flua melhor. No entanto, indo mais além, o ponto é que não importa. Desfrutar ou não desfrutar: não importa. Desfrutar não deveria ser a aspiração de alguém que escreve. Uma pessoa escreve para organizar o mundo, ou para desorganizá-lo, ou para entendê-lo, ou, porque se não o faz fica com tosse, ou, porque, como dizia Fogwill, “é mais fácil que evitar a sensação de sem sentido de não o fazer”. Mas uma pessoa não escreve para desfrutar. Desfrutar é um verbo que vai melhor com outras atividades. Eu, já disse isso muitas vezes, não gosto de escrever. Eu gosto, às vezes, do resultado. O jornalista colombiano Alberto Salcedo Ramos acaba de publicar, com enorme sucesso em seu país, um livro fantástico chamado *La eterna parranda* (Aguilar), que reúne algumas das suas melhores crônicas. Uma delas é a que dá título à antologia: um perfil extenso do

cantor de *vallenatos*[1] Diomedes Díaz, que lhe tomou anos de pesquisa e semanas de escrita. Depois do confinamento selvagem que se impôs para terminar esse texto, Alberto Salcedo Ramos, respondendo uma consulta por outra questão, me escreveu um e-mail arrepiante — não porque contava algo arrepiante, e sim pelo arrepiante sentimento de identificação que provocava a leitura — dando alguns detalhes muito discretos sobre como havia passado por esse confinamento. O e-mail terminava assim: "Agora me sinto feliz de ter feito isso, mas há três dias a angústia me consumia. Por isso sempre cito esta frase de uma escritora venezuelana cujo nome não lembro agora: odeio escrever, mas amo ter escrito". Outro jornalista, o peruano Daniel Titinger, autor de um livro chamado *Dios es peruano* (Planeta, 2006), respondendo a uma pergunta sobre como montava a estrutura de seus textos, me contava, entre outras coisas, isto: "Depois de investigar tenho [...] que passar ao papel. E aí começam os problemas, porque confesso que eu não gosto de escrever. Odeio escrever. Sinto que escrever é como correr uma maratona: sofre-se demais enquanto corre, mas chegar à meta é o mais lindo que há na vida. Escrevo, então, para terminar de escrever".

Em janeiro de 2011, a revista dominical do jornal El País, da Espanha, convocou vários escritores para que respondessem à pergunta "Por que escrevo". "Escrevo — respondeu o espanhol Juan José Millás — pelas mesmas razões que leio, porque não me encontro bem". Poucas vezes uma resposta foi tão selvagem, tão honesta, tão nobre, tão sincera.

---

1. O Vallenato é um gênero musical popular da região caribenha da Colômbia. Diomedes Díaz é um dos principais cantores de vallenatos do país. [N. T.]

Caderno de Leituras n.154 / 2022

Sobre escrever
Acerca de escribir

Leila Guerriero

Edição e preparação de texto
Maria Carolina Junqueira Fenati

Tradução
Gabriela Albuquerque

Revisão da tradução
Clarissa Xavier

Revisão
Andrea Stahel

Projeto gráfico
Felipe Carnevalli e Paula Lobato

Coordenação da coleção
Luísa Rabello e Maria Carolina Fenati

Composto em IBM Plex Sans

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, setembro de 2022
Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em **www.chaodafeira.com**

Este projeto foi realizado com recursos da Lei
Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização:

PROJETO REALIZADO PELA SOCIEDADE CIVIL COM RECURSOS ORIUNDOS DA POLÍTICA DE FOMENTO À CULTURA MUNICIPAL

Incentivo:

LMIC LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA

CULTURA

PREFEITURA BELO HORIZONTE
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

Projeto 0182/2021